

RELIGIOSIDADE E CULTURA POPULAR NO CARNAVAL DE SALVADOR: SINCRETISMO, IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

RELIGIOSITY AND POPULAR CULTURE IN SALVADOR'S CARNIVAL: SYNCRETISM,
IDENTITY, AND RESISTANCE

RELIGIOSIDAD Y CULTURA POPULAR EN EL CARNAVAL DE SALVADOR:
SINCRETISMO, IDENTIDAD Y RESISTENCIA

Vera Antônia Ferreira de Carvalho¹

Ana Jeanete de Sousa Carvalho²

Roberta Leal Reis³

Maria Irene Ribeiro Bezerra⁴

Charles Klemz⁵

RESUMO: O presente artigo analisa a interseção entre religiosidade afro-brasileira, cultura popular e resistência social no Carnaval de Salvador, investigando como os blocos afro e afoxés inscrevem símbolos, corporeidades e princípios litúrgicos do candomblé no espaço público festivo da capital baiana. A pesquisa aborda o sincretismo religioso como uma estratégia histórica de sobrevivência ontológica e salvaguarda cultural, examinando a constituição da identidade negra e a contraposição ativa ao racismo religioso institucionalizado. Em diálogo hermenêutico com a Teologia da Libertação, particularmente a partir das formulações de Leonardo Boff sobre a dignidade dos oprimidos e a defesa da vida, o estudo interpreta a folia de rua como uma arena de libertação, afirmação de direitos e contra-hegemonia. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa orientada pela pesquisa bibliográfica e documental, articulando clássicos das ciências sociais e da religião (Roger Bastide, Pierre Verger, Michel Agier, Reginaldo Prandi, Mikhail Bakhtin, João José Reis e Muniz Sodré) com estudos empíricos e etnográficos contemporâneos (Claudia Novaes Machado e pesquisas sobre as práticas pedagógicas e corporais do Ilê Aiyê). Demonstra-se que o Carnaval soteropolitano transcende o mero entretenimento mercantilizado, configurando-se como um território sagrado e político de preservação ancestral, pedagogia comunitária e produção de espacialidades simbólicas de resistência.

Palavras-chave: Carnaval de Salvador. Religiosidade afro-brasileira. Sincretismo religioso. Blocos afro. Teologia da Libertação.

¹Mestranda em Teologia pelas Faculdades EST, São Leopoldo - RS, Brasil.

²Mestranda em Teologia pelas Faculdades EST, São Leopoldo - RS, Brasil.

³Mestranda em Teologia pelas Faculdades EST, São Leopoldo - RS, Brasil.

⁴Mestranda em Teologia pelas Faculdades EST, São Leopoldo - RS, Brasil.

⁵Doutor em Teologia pelas Faculdades EST, São Leopoldo - RS, Brasil.

ABSTRACT: This article analyzes the intersection between Afro-Brazilian religiosity, popular culture, and social resistance in the Salvador Carnival, investigating how afro blocks and afoxés project symbols, corporeality, and liturgical principles of Candomblé into the festive public space of the Bahia capital. The research addresses religious syncretism as a historical strategy of ontological survival and cultural preservation, examining the construction of Black identity and the active confrontation of institutionalized religious racism. In hermeneutical dialogue with Liberation Theology, particularly Leonardo Boff's contributions regarding the dignity of the oppressed and the defense of life, the study interprets street carnival as an arena of liberation, assertion of rights, and counter-hegemony. Methodologically, it adopts a qualitative bibliographic and documentary approach, engaging classical social and religious scholars (Roger Bastide, Pierre Verger, Michel Agier, Reginaldo Prandi, Mikhail Bakhtin, João José Reis, and Muniz Sodré) alongside contemporary empirical and ethnographic studies (Claudia Novaes Machado and research on pedagogical and bodily practices in Ilê Aiyê). It demonstrates that the Salvador Carnival transcends mere commercialized entertainment, configuring a sacred and political territory of ancestral preservation, community pedagogy, and production of symbolic spaces of resistance.

Keywords: Salvador Carnival. Afro-Brazilian religiosity. Religious syncretism. Afro blocks. Liberation Theology.

RESUMEN: Este artículo analiza la intersección entre la religiosidad afrobrasileña, la cultura popular y la resistencia social en el Carnaval de Salvador, investigando cómo los bloques afro y los afoxés proyectan símbolos, corporalidades y principios litúrgicos del Candomblé en el espacio público festivo de la capital bahiana. La investigación aborda el sincretismo religioso como una estrategia histórica de supervivencia ontológica y preservación cultural, examinando la construcción de la identidad negra y la confrontación activa del racismo religioso institucionalizado. En diálogo hermenéutico con la Teología de la Liberación, particularmente con las contribuciones de Leonardo Boff sobre la dignidad de los oprimidos y la defensa de la vida, el estudio interpreta el carnaval callejero como un espacio de liberación, afirmación de derechos y contrahegemonía. Metodológicamente, adopta un enfoque cualitativo, bibliográfico y documental, dialogando con autores clásicos de las ciencias sociales y de la religión (Roger Bastide, Pierre Verger, Michel Agier, Reginaldo Prandi, Mijaíl Bajtín, João José Reis y Muniz Sodré), junto con estudios empíricos y etnográficos contemporáneos (Claudia Novaes Machado e investigaciones sobre prácticas pedagógicas y corporales en Ilê Aiyê). Demuestra así que el Carnaval de Salvador trasciende el mero entretenimiento mercantilizado, configurándose como un territorio sagrado y político de preservación ancestral, pedagogía comunitaria y producción de espacios simbólicos de resistencia.

Palabras clave: Carnaval de Salvador. Religiosidad afrobrasileña. Sincretismo religioso. Bloques afro. Teología de la Liberación.

INTRODUÇÃO

O Carnaval de Salvador constitui um fenômeno sociocultural marcado pela articulação densa entre festa, cultura popular, relações raciais, disputas de representação e expressões da religiosidade afro-brasileira. Longe de reduzir-se a uma dinâmica estrita de entretenimento de

massas ou à fruição do espetáculo mercantilizado, a celebração soteropolitana constitui uma arena privilegiada onde se entrecruzam tensões históricas inconciliadas e a vitalidade de memórias ancestrais. Historicamente, a formação da festa na Bahia esteve vinculada a conflitos em torno das práticas carnavalescas urbanas e da participação popular, marcadas pelo modelo luso-brasileiro do Entrudo no século XIX e pelas recorrentes tentativas policiais e higienistas de disciplinar os batuques e agremiações negras na transição para o século XX (REIS, 2002; SODRÉ, 1988). Nesse percurso, as manifestações de matriz africana desempenharam papel decisivo na constituição de formas singulares de sociabilidade, musicalidade e identidade no espaço público.

A presença negra é um elemento central para a compreensão da formação social e cultural de Salvador. Segundo o Censo Demográfico 2022, a população do município era de 2.417.678 habitantes; desse total, 825.509 pessoas se declararam pretas e 1.186.416 pardas, correspondendo, conjuntamente, a aproximadamente 83,2% da população (IBGE, 2023). Essa composição demográfica constitui um importante contexto para compreender a presença estrutural de referências africanas e afro-brasileiras na vida cotidiana e cultural da cidade. As religiões de matriz africana, historicamente submetidas a perseguições e estigmatizações judiciais e policiais, encontraram nos ciclos festivos e no Carnaval espaços públicos estratégicos de visibilidade, salvaguarda litúrgica e continuidade cultural.

3

Nesse horizonte de tensões, o problema condutor desta pesquisa sintetiza-se no seguinte questionamento: de que maneira os blocos afro e afoxés conseguem articular e preservar a liturgia do terreiro no espaço festivo da rua, resistindo simultaneamente aos ditames da mercantilização carnavalesca e ao recrudescimento da intolerância e do racismo religioso? Em resposta, delineiam-se quatro objetivos específicos: a) contextualizar o sincretismo religioso na Bahia como tática histórica de sobrevivência ontológica e cultural; b) analisar o papel pedagógico, estético e identitário dos blocos afro e dos afoxés; c) investigar a dissolução de fronteiras entre o sagrado e o profano na ocupação do território urbano; e d) interpretar essa resistência cultural sob a chave teológica da libertação e da dignidade humana, em diálogo hermenêutico com as categorias de Leonardo Boff.

A relevância acadêmica e social da investigação assenta-se na urgência de documentar cientificamente as estratégias de resistência das tradições religiosas de matriz africana em um contexto contemporâneo de proliferação de discursos fundamentalistas e depredações materiais

de terreiros. Metodologicamente, o trabalho estrutura-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e documental. O percurso analítico mobiliza obras clássicas dos estudos afro-brasileiros e das ciências sociais (Roger Bastide, Pierre Verger, Reginaldo Prandi, Michel Agier, João José Reis e Muniz Sodré), a teoria da carnavalização em Mikhail Bakhtin, pesquisas etnográficas e territoriais contemporâneas (MACHADO, 2020; PAULA; CHAVES; DEBORTOLI, 2023), bem como as categorias de libertação e defesa da vida formuladas por Leonardo Boff (1998).

SINCRETISMO RELIGIOSO NA BAHIA: ESTRATÉGIA E SOBREVIVÊNCIA CULTURAL

A apreensão do sincretismo religioso na Bahia requer o afastamento definitivo de interpretações simplistas que o reduzam à assimilação passiva ou à submissão das populações escravizadas e seus descendentes aos padrões do catolicismo hegemônico colonial. As clássicas análises de Roger Bastide (1989) acerca das religiões africanas no Brasil evidenciam que as relações entre cosmologias tradicionais africanas e catolicismo constituíram processos históricos dinâmicos de correspondência simbólica e inteligência cultural. Longe de configurarem uma fusão caótica ou perda de substância, tais arranjos permitiram a salvaguarda da memória dos orixás, voduns e inquices sob a proteção institucional das irmandades e santos católicos (BASTIDE, 1989; PRANDI, 1998).

4

Aprofundando essa dinâmica no plano transatlântico, Pierre Verger (1987), em *Fluxo e refluxo*, descortinou as redes permanentes de contato e intercâmbio comercial e cultural mantidas entre a Bahia e o Golfo do Benin ao longo dos séculos XVIII e XIX. O trânsito de africanos libertos, marinheiros e comerciantes assegurou que as matrizes de culto iorubás e daomeanas se renovassem de forma contínua no tecido social soteropolitano. Para Verger (1987), a associação com as festas católicas e a organização dos devotos sob o manto das confrarias de homens pretos funcionaram como dispositivos legítimos de solidariedade comunitária e proteção jurídica em um ambiente hostil de vigilância e repressão.

Em reflexão convergente, Reginaldo Prandi (1998) identifica a sincretização como um momento crucial na trajetória das religiões afro-brasileiras, ao qual se seguiram movimentos de branqueamento e, mais tarde, de africanização. Prandi esclarece que a associação entre orixás e santos do calendário católico viabilizou a celebração pública do sagrado em um país onde o catolicismo permaneceu como religião oficial até a Constituição de 1891. Longe de representar

uma subordinação estática, a relação com o catolicismo foi sendo gradativamente ressignificada e, na segunda metade do século XX, expressivos segmentos do candomblé desencadearam um processo consciente de reafricanização, depurando rituais e afirmando a plena autonomia ontológica e litúrgica da tradição dos orixás (PRANDI, 1998).

A secular Festa da Lavagem do Bonfim exemplifica vivamente essa trama sincrética na contemporaneidade. Na celebração, as baianas trajando suas indumentárias tradicionais de candomblé realizam a lavagem das escadarias e do átrio da Basílica do Senhor do Bonfim com água de cheiro e flores, em um gesto público que une a devoção ao Cristo católico e a louvação a Oxalá (SILVA et al., 2025). A celebração evidencia que o sincretismo não se resume a um mero acordo doutrinário abstrato, mas opera como uma performance coletiva em que a presença corpórea e a cosmologia negra ocupam e ressignificam o espaço urbano consagrado da cidade.

CARNAVALIZAÇÃO E CULTURA POPULAR: A RUA COMO ARENA

A compreensão das dinâmicas que presidem o Carnaval de Salvador estabelece um diálogo profícuo com a teoria da carnavalização formulada por Mikhail Bakhtin (1987). Ao investigar as manifestações cômico-populares da Idade Média e do Renascimento, o teórico russo sublinha que o carnaval instaura um tempo de suspensão das normas e proibições oficiais, instituindo um espaço em que as distinções hierárquicas são provisoriamente revogadas em favor da vivência coletiva e comunitária da praça pública.

O carnaval não é um espetáculo que se vê, é uma vida que se vive segundo as leis da sua própria liberdade. Ele ignora a distinção entre atores e espectadores. Durante o carnaval, a vida é vivida por todos, e essa vida é, por sua natureza, carnavalesca (BAKHTIN, 1987, p. 7).

Entretanto, a transposição do modelo bakhtiniano para a realidade de Salvador requer mediações críticas que incorporem as variáveis estruturantes de raça e classe. Como pontua Muniz Sodré (1988), em sociedades marcadas pela herança escravocrata, a ocupação das ruas confronta a histórica tensão entre 'o terreiro e a cidade'. Enquanto a urbe burguesa e colonial organiza-se a partir de princípios de isolamento, controle sanitário e vigilância sobre os corpos negros, o terreiro preserva o princípio da circulação contínua do axé e da comunhão vital. Desse modo, o Carnaval de rua em Salvador não constitui mera válvula de escape inofensiva: converte-se em uma arena concreta de insurgência cultural, na qual a cultura popular desestabiliza a hegemonia eurocêntrica e afirma o protagonismo civilizatório afrodescendente.

IDENTIDADE E RESISTÊNCIA NOS BLOCOS AFRO E AFOXÉS

A fundação do Grêmio Recreativo Cultural Ilê Aiyê em 1974, no Curuzu, assinala uma guinada irreversível na história social e política do Carnaval baiano. Antes de sua eclosão, a população negra nos circuitos centrais da festa encontrava-se confinada a posições de subalternidade ou à tutela de agremiações tradicionais brancas. Ao assumir expressamente o critério de exclusividade negra em seus quadros e ao eleger temáticas voltadas à história africana e às insurreições quilombolas no Brasil, o Ilê Aiyê desferiu um ataque frontal à ideologia da democracia racial (AGIER, 2024).

Michel Agier (2000, 2024), ao desenvolver amplo trabalho etnográfico sobre a agremiação, cunhou a célebre definição do Ilê Aiyê como uma 'fábrica do mundo afro'. Para o pesquisador, o bloco operou como vetor de reconfiguração subjetiva e política, promovendo uma valorização inédita da estética negra — expressa nas tranças, turbantes, tecidos estampados e na consagração das Deusas do Ébano —, que serviu de esteio formativo para toda uma geração. Esse modelo emancipatório irradiou-se para entidades fundamentais que se formaram logo em seguida, a exemplo do Olodum (1979), do Muzenza (1981) e do Malê Debalê (1979).

Sob a ótica pedagógica e corporal, estudos desenvolvidos por Paula, Chaves e Debortoli (2023) revelam que o Ilê Aiyê constitui um autêntico espaço educador e antirracista. A experiência da Noite da Beleza Negra e os ensaios de dança proporcionam práticas de pertencimento que articulam ancestralidade e sociabilidade comunitária, permitindo que a movimentação corporal funcione como linguagem de afirmação identitária e resistência frente aos estigmas da branquitude.

Essa ocupação do espaço urbano pode ser compreendida também como produção de uma espacialidade simbólica afro, na qual práticas religiosas, performances, música e corporeidade articulam memória, identidade e território (MACHADO, 2020). Essa territorialização ganha expressão exemplar na tradição dos afoxés, capitaneada desde 1949 pela Associação Recreativa e Cultural Filhos de Gandhi. Frequentemente reconhecido como 'o candomblé na rua', o afoxé estabelece um vínculo direto e litúrgico com os terreiros nagôs e ijexás. Ao desfilar pelas ruas com seus trajes alvos e azuis, portando guias consagradas e aspergindo alfazema sob a marcação rítmica do ijexá, os integrantes do Gandhi realizam um ritual que congrega a pregação da paz gandhiana, o repúdio ao racismo estrutural e a louvação pública a Oxalá e Ogum (RISÉRIO, 1981; SEPROMI, 2024).

A LITURGIA DO TERREIRO NO CIRCUITO URBANO: RITMO, CORPO E INDUMENTÁRIA

A transposição das referências religiosas do candomblé para os circuitos carnavalescos ocorre fundamentalmente por meio de expressões sensíveis, destacando-se a linguagem da percussão. Conforme documentado nos estudos etnomusicológicos de Antonio Risério (1981), o toque ijexá - compasso cadenciado executado tradicionalmente nos terreiros para homenagear Oxum e as divindades das águas - consolidou-se como o alicerce rítmico dos afoxés soteropolitanos. Em contraposição à aceleração frenética e homogeneizante dos trios elétricos comerciais, a cadência do ijexá preserva um andamento litúrgico sereno, que favorece a escuta coletiva, a harmonia dos corpos e a comunhão devocional.

De modo análogo, as baterias percussivas dos blocos afro, consolidadas no compasso híbrido do samba-reggae inaugurado pelo Olodum no Pelourinho, reelaboraram a polirritmia secular dos atabaques de terreiro (rum, rumpi e lé) para a massa acústica de surdos, caixas e repiques. A dinâmica desses toques reverbera a força dos orixás patronos: a robustez de Xangô, os desvios ágeis dos ventos de Iansã e a precisão das matas de Oxóssi, afirmando uma pedagogia sonora que educa o ouvido urbano na tradição dos tambores.

No que concerne à indumentária, a preparação do folião nos blocos afro e nos afoxés resgata princípios da vestição sacerdotal observada nos barracões. As guias de contas no pescoço e a amarração do turbante (ojá) na cabeça extrapolam qualquer caráter meramente aderecista ou cênico. Na cosmologia do candomblé (BASTIDE, 1989; SODRÉ, 1988), a cabeça (ori) personifica o santuário da existência individual e o assentamento do orixá guardião. Cobri-la durante a travessia no asfalto agitado constitui um ato de proteção espiritual e afirmação de dignidade coletiva (SEPROMI, 2024), convertendo o circuito urbano da folia em um vasto terreiro a céu aberto.

7

RESISTÊNCIA AO RACISMO RELIGIOSO EM DIÁLOGO COM A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

No Brasil contemporâneo, a exacerbação de manifestações de intolerância e a violência contra casas de candomblé e umbanda expõem a perversidade do racismo religioso, frequentemente amparado em interpretações fundamentalistas de matizes teológicos excludentes. Em resposta a esse quadro de vulnerabilidade, a presença maciça e afirmativa das

entidades de matriz africana no Carnaval de Salvador opera como uma sólida trincheira pública de denúncia, visibilidade e afirmação inegociável da dignidade humana.

Nesse cenário de hostilidades e assimetrias socioculturais, a violência simbólica e concreta dirigida aos terreiros e manifestações afro-brasileiras decorre de padrões culturais homogeneizadores que recusam a pluralidade ontológica do outro. Conforme adverte Klemz (2019; 2023), os processos sociais e institucionais com frequência tratam as diferenças como desvios a serem disciplinados, quando o desafio ético fundamental consiste em transcender o mero discurso de tolerância superficial e alcançar a naturalização da diversidade humana por meio da alteridade radical. Transposta para o contexto do Carnaval de Salvador, a performance dos blocos afro e afoxés encarna precisamente essa exigência de alteridade: ao colocar o corpo, o ritmo e o rito no centro do asfalto, a cultura negra não apenas pede passagem, mas desestabiliza a matriz colonial e reivindica o reconhecimento pleno e legítimo de sua existência e cosmovisão.

Essa práxis de resistência cultural e espiritual pode dialogar fecundamente com categorias desenvolvidas no seio da Teologia da Libertação, notadamente a partir das formulações de Leonardo Boff (1998) em *Teologia do cativo e da libertação*. Para Boff, o sagrado e a fé autêntica não habitam a transcendência abstrata de doutrinas distantes da dor humana, mas encarnam-se nas lutas concretas dos povos oprimidos em favor da libertação integral, da preservação da vida e do resgate da dignidade ultrajada. A partir dessa fundamentação teórica, a ocupação das ruas pelas entidades negras e afro-religiosas pode ser interpretada como uma manifestação pública de libertação em ato, na qual comunidades historicamente marginalizadas rejeitam o silenciamento e celebram sua existência cósmica e política.

Cumprе sublinhar, contudo, que tal aproximação epistemológica entre a Teologia da Libertação e as manifestações de matriz africana no Carnaval constitui uma chave interpretativa construída pelos autores deste artigo, e não um pronunciamento direto de Leonardo Boff sobre o evento carnavalesco em Salvador. Trata-se de uma mediação hermenêutica que encontra na resistência dos blocos afro e afoxés um testemunho concreto da defesa incondicional da dignidade humana e do direito à vida plena. Do mesmo modo, a dimensão material dessa resistência revela-se nas redes comunitárias de trabalho cultural - na confecção artesanal de roupas, instrumentos e serviços associados -, as quais sustentam famílias vulneráveis vinculadas aos terreiros ao longo de todo o calendário civil.

A DISSOLUÇÃO DA FRONTEIRA ENTRE SAGRADO E PROFANO

A episteme ocidental dominante, moldada pelo racionalismo moderno, instituiu uma rígida barreira dicotômica entre o sagrado e o profano, confinando a religião à esfera institucional dos templos e reduzindo o lazer público ao hedonismo descompromissado. Todavia, a cosmovisão afro-baiana forjada nas festas de largo e no Carnaval desafia essa clivagem abstrata, articulando devoção, celebração corporal e sociabilidade em uma mesma teia vivencial.

Na perspectiva de Muniz Sodré (1988), a energia vital do axé não reside em uma transcendência desincorporada, mas perpassa a materialidade da natureza, o solo, as relações humanas e a corporeidade que dança. O mesmo corpo histórico que reverencia as divindades nos rituais de terreiro é aquele que desfila com júbilo na avenida, de modo que a experiência festiva carnavalesca funciona como uma liturgia ampliada de cura e reparação social. Longe de profanar o sagrado, a folia popular soteropolitana redime o espaço secular da rua por meio da celebração comunitária da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste artigo evidenciou que a religiosidade afro-
brasileira não representa um apêndice decorativo do Carnaval de Salvador, mas sim o seu eixo estruturante e a sua fonte basilar de significação histórica. Por meio de táticas sincréticas complexas forjadas ao longo de séculos de resistência, as populações negras impediram a supressão de suas matrizes ancestrais e consagraram a festa pública como um território de afirmação ontológica e política.

Em resposta aos objetivos fixados, constatou-se que a atuação histórica e contínua dos blocos afro e dos afoxés consolidou diques de contenção contra as investidas despersonalizantes do mercado do espetáculo e contra os avanços do racismo religioso. A aproximação hermenêutica com a Teologia da Libertação, orientada pelas premissas de Leonardo Boff (1998), permitiu iluminar a festa popular como uma genuína arena de luta pela dignidade e afirmação da vida, desvelando o potencial libertador contido na espiritualidade dos povos marginalizados.

Como agenda investigativa para estudos futuros, recomenda-se aprofundar as pesquisas de campo acerca das transformações econômicas nos circuitos carnavalescos - particularmente o impacto da proliferação dos camarotes sobre a autonomia dos pequenos afoxés -, bem como

mapear o uso das mídias digitais na preservação e circulação das tradições afro-religiosas. Destaca-se a importância da escola enquanto locus para a criticidade (DANTAS et al., 2025) como forma de desconstruir preconceitos. Conclui-se que enquanto o ritmo sagrado do ijexá e o toque dos atabaques continuarem a ecoar pelas artérias urbanas de Salvador, o Carnaval permanecerá como território vivo de fé, liberdade e emancipação social para a população negra no Brasil.

REFERÊNCIAS

AGIER, Michel. *Anthropologie du carnaval: la ville, la fête et l'Afrique à Bahia*. Marseille: Parenthèses, 2000.

AGIER, Michel. *Ilê Aiyê: a fábrica do mundo afro (Carnaval da Bahia, 1974-2024)*. São Paulo: Editora 34, 2024.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações*. São Paulo: Pioneira, 1989.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DANTAS, Jéssica Rodrigues et al. Considerações acerca da educação formal, tradicional e humanista. *Cuadernos de Educación y Desarrollo-QUALIS A4*, v. 17, n. 4, p. e7991-e7991, 2025. Disponível em: <https://ojs.cuadernoseducacion.com/ojs/index.php/ced/article/view/7991>. Acesso em 05 set. 2026.

IBGE. *Censo Demográfico 2022: identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: resultados do universo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

KLEMZ, Charles. *Inclusão transversal da diversidade humana a partir da perspectiva da educação e da teologia*. São Leopoldo, RS, 2019. 124 p. Dissertação (Mestrado) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2019. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/989/2/klemz_c_tmp348.pdf. Acesso em: 14 mar. 2026.

KLEMZ, Charles. Inclusão ou diversidade? *Identidade!*, São Leopoldo, v. 28, n. 1, p. 385-397, 2023.

MACHADO, Claudia Novaes. *Espacialidade simbólica afro no carnaval da “Cidade da Bahia”*. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) — Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

PAULA, Juliana Araujo de; CHAVES, Elisangela; DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira. Aprendizagem e emancipação no Ilê Aiyê: uma análise a partir da experiência das Deusas do Ébano. *Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 31, n. 1, p. 88-102, 2023. DOI: 10.17058/rea.v31i1.17598.

PRANDI, Reginaldo. Referências sociais das religiões afro-brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 4, n. 8, p. 151-167, 1998. DOI: 10.1590/S0104-71831998000100008.

REIS, João José. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (org.). *Carnavais e outras f(r)estas: ensaios de história social da cultura*. Campinas: Editora da Unicamp/Cecult, 2002. p. 101-151.

RISÉRIO, Antonio. *Carnaval ijexá: notas sobre afoxés e blocos do novo carnaval afrobaiano*. Salvador: Corrupio, 1981.

SEPROMI. *Filhos de Gandhi realiza tradicional ritual de saída no Pelourinho*. Salvador: Secretaria de Promoção da Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais, 2024.

SILVA, Paulo Roberto Nogueira et al. A Lavagem do Bonfim: religiosidade e tradição presentes na cidade de Salvador-BA. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 11, n. 8, e81458, 2025. DOI: 10.34117/bjdv11n8-004.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1988.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX*. Tradução de Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987.